

## ***SENHOR, TENDE PIEDADE DE NÓS***

Cada Eucaristia começa com um grito: *Kyrie Eleyson. Senhor tende piedade de nós*. Não haverá provavelmente nenhuma outra oração, na história do Cristianismo, rezada com tanta frequência e intimidade. Esta invocação, não só se destaca no início de todas as liturgias eucarísticas ocidentais, mas também ressoa como grito que perpassa todas as liturgias orientais. *Senhor, tende piedade de nós, Kyrie Eleyson*, é o grito do povo de Deus, o grito dos fieis que se aproximam de Deus de coração contrito.

Este grito implora o perdão dos nossos pecados e tem muito a ver com as nossas perdas. Com este grito reconhecemos que acusar Deus, o mundo ou os outros não faz justiça à nossa verdadeira identidade. Com este grito, estamos dispostos a assumir a responsabilidade dos nossos atos, sem acusar os outros e sem acusar a Deus, simplesmente reconhecemos, de forma clara e direita, a nossa fragilidade humana. Com este grito, confessamos a nossa fragilidade humana, não como uma fatalidade, mas como fruto das nossas escolhas, quando dizemos «não» ao amor. Os discípulos regressavam à sua casa, estavam tristes, não só porque tinham perdido um amigo, mas também porque estavam profundamente conscientes do pecado dos seus próprios chefes que o tinham crucificado. Percebiam, até certo ponto, que o desgosto da perda estava também associado ao mal, isto é, ao pecado, um mal que reconheciam dentro, no seu próprio coração.

Com este grito, aceitamos a nossa coresponsabilidade pelo mal que existe no mundo. Só um coração contrito, não fica agarrado às queixas sobre a época terrível em que vivemos, das situações desastrosas que temos de suportar e do destino catastrófico que nos espera. O arrependimento só pode brotar de um coração contrito, que reconhece os seus pecados. Este grito, só é possível quando as nossas perdas são fruto de destino cego e os nossos ganhos fruto da sorte. O destino não conduz à contrição, nem a sorte à gratidão.

De facto, os conflitos da nossa vida pessoal, bem como os conflitos à escala regional, nacional ou mundial, são os *nossos* conflitos, e só assumindo a responsabilidade por eles poderemos ultrapassá-los – optando por uma vida de perdão, paz e amor.

### *Um coração contrito*

O grito *Kyrie Eleyson, Senhor, tende piedade* surge de um coração contrito. Não de um coração endurecido, mas de um coração humilhado, que não acusa os outros, mas reconhece a sua quota-parte no pecado do mundo, predispondo-se assim a receber a misericórdia de Deus.

Ainda me lembro de uma noite de meditação na televisão holandesa, durante a qual um pregador derramou água sobre uma terra dura e ressequida, dizendo: «*Reparem, esta terra não pode receber a água, por isso as sementes não podem crescer*». Em seguida, depois de ter despedaçado a terra com as mãos, voltou a regá-la com água, e acrescentou: «*Só a terra desfeita pode receber a água e permitir que as sementes cresçam e deem fruto*». Este gesto simbólico ajuda-nos a compreender o que significa começar a Eucaristia com um coração contrito, um coração «despedaçado», capar de receber a água da graça de Deus.

Podemos agradecer, tendo um coração despedaçado, porque reconhecemos que somos pecadores, mas não carregamos a responsabilidade de toda a maldade do mundo, simplesmente reconhecemos a nossa quota parte. Se fossemos responsáveis de todos o mal que existe no mundo ficaríamos paralisados. No entanto, a sincera confissão dos nossos pecados, não provoca nenhuma humilhação, porque ao mesmo tempo reconhecemos a Misericórdia do nosso Deus. Nenhum pecado poderia ser enfrentado sem um certo conhecimento da graça. Nenhuma perda pode ser chorada sem uma certa intuição de que acabaremos por encontrar uma nova vida.

*Disse-lhes Ele: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» Pararam entristecidos. E um deles, chamado Cléofas, respondeu: «Tu és o único forasteiro em Jerusalém a ignorar o que lá se passou nestes dias!» Perguntou-lhes Ele: «Que foi?» Responderam-lhe: «O que se refere a Jesus de Nazaré, profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; como os sumos sacerdotes e os nossos chefes o entregaram, para ser condenado à morte e crucificado. Nós esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que se deram estas coisas. É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram perturbados, porque foram ao sepulcro de madrugada e, não achando o seu corpo, vieram dizer que lhes apareceram uns anjos, que afirmavam que Ele vivia. Então, alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas, a Ele, não o viram.» (Lc 24. 17-24)*

Quando os discípulos de Emaús revelaram a grande perda que tinha acontecido na sua vida, mas também acrescentaram uma história que lhe parecia estranha: as mulheres de madrugada foram ao sepulcro e não encontraram o corpo de Jesus, o sepulcro estava vazio, e que apareceram alguns anjos que lhes anunciaram a ressurreição. Mas eles não acreditaram, ficaram céticos e desconfiados: «não fora ele crucificado há três dias? Não é verdade que morreu, que tudo acabou? Que o mal não acabou por vencer? Que pensar, das mulheres, que garantiam que ele estava vivo? Quem poderia tomá-las a sério? Mas não é tudo. Os dois discípulos tiveram de acrescentar o que aconteceu logo a seguir: «Alguns dos nossos foram ao

sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito, mas a Ele, não o viram!». O sepulcro estava vazio. Onde estava o corpo de Jesus?

*«Jesus disse-lhes, então: «Ó homens sem inteligência e lentos de espírito para crer em tudo quanto os profetas anunciaram! Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na sua glória?» E, começando por Moisés e seguindo por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que lhe dizia respeito» (Lc 24, 25-27)*

### *Desespero e esperança*

E assim que nós, geralmente, nos aproximamos da Eucaristia, com uma estranha mistura de desespero e esperança. Uma parte de nós, olhando para a nossa própria vida e para as vidas dos que vivem à nossa volta, tem vontade de dizer: *«Mais vale pôr uma pedra no assunto, tudo acabou, dissipou-se como um sonho. claro, nós esperávamos, imaginávamos, mas eram só sonhos A verdade é completamente diferente. Agora sabemos que tudo era pouco mais era do que uma ilusão».*

No entanto, aparecem outras pessoas que contam a história de forma diferente, mas são só mulheres! Mas aquele desconhecido, não para, reprende-os pela sua incredulidade: *«Ó homens sem inteligência e lentos de espírito para crer».* Depois passa a explicar as Escrituras.

*«Senhor, tem piedade, Senhor, tem piedade, Senhor, tem piedade.»* É esta a oração que continua a emergir da profundidade do nosso ser e a atravessar as paredes do nosso cinismo. Sim, somos pecadores, pecadores incorrigíveis; esperávamos, mas perdemos a esperança, tudo se perdeu e nada resta dos nossos sonhos e das nossas esperanças. Contudo, ouve-se uma voz: *«Basta-te a minha graça!»* e voltamos a clamar, pedindo a cura do nosso coração tão cínico, atrevendo-nos a acreditar que, de facto, no meio do nosso luto, ainda conseguimos encontrar um dom que suscite em nós gratidão. No entanto, para chegarmos a essa descoberta, precisamos de um companheiro especial!

Henry Nouwen, *Não nos ardia o coração? Uma meditação sobre a vida eucarística*, Paulinas, 2ª 2006. Capítulo 1, *chorando as nossas perdas*, pp. 30-35. Texto resumido e arranjado por Padre Leone Orlando.